



Resenha:

Christine Folch. **Hidropolitics: The Itaipu Dam, Sovereignty, and the Engineering of Modern South America.** Princeton: Princeton University Press, 2019.

Hidropolítica: contribuições para o estudo das relações Paraguai-Brasil e da Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai)

MICHAEL ALVINO DA SILVA*

Hidropolitics: The Itaipu Dam, Sovereignty, and the Engineering of Modern South America é um livro recente da série *Princeton Studies in Culture and Technology*, publicado nos Estados Unidos sobre a Usina Hidrelétrica de Itaipu. O livro escrito pela antropóloga Christine Folch explora questões de engenharia, cultura, história e política em torno da mais importante obra do século XX para a integração regional da América do Sul, em geral, e para o Paraguai, em particular. Ao focar nos acontecimentos políticos da primeira década do século XXI, especialmente a partir do lado paraguaio da usina binacional, a autora faz uma importante e interdisciplinar contribuição acadêmica. A seguir, farei uma apresentação do livro e destacarei sua contribuição para o estudo das relações Paraguai-Brasil e para o estudo da região da Tríplice Fronteira entre Argentina, Brasil e Paraguai.

O livro foi organizado em três partes (*Circulations, Integrations, Energy futures*), cada qual com dois capítulos. No capítulo 1 (*Current*), a autora explora aspectos técnicos de engenharia que estão por trás da usina de Itaipu. Trata-se de um *making of a megawatt hour*, mostrando como as propriedades

materiais da hidroeletricidade estão conectadas com decisões socioeconômicas. Já no capítulo 2 (*Currency*), aborda-se um *making of a tariff*, com foco em explicar como o dinheiro circula entre a usina e as instituições brasileira e paraguaias. De forma bem esclarecida, a autora mostra uma visão geral de como as complexas finanças em Itaipu funcionam.

No capítulo 3 (*Renegotiating Integration*), Christine Folch se volta para a análise de um período importante e recente das relações entre o Brasil e o Paraguai em torno da usina binacional. O assunto ainda seguirá como tema do capítulo 5 (*Neoextractivist Futures*) e ao término da leitura de ambos, o leitor terá passado pelo assunto mais importante da política paraguaia (e bilateral) da primeira década do século XXI. No contexto das “esquerdas latino-americanas” daquele período, a autora se debruça sobre as tensões internas do governo paraguaio de Fernando Lugo (2008-2012) e suas relações externas com o governo brasileiro de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011).

No capítulo 4 (*Debt*), os aspectos financeiros em torno da entidade binacional são retomados para explicar a construção e a controvérsia da dívida contraída para o financiamento do empreendimento na década de 1970. Dentre os vários números que apresenta, Folch nos dá a conhecer uma trama complexa que envolve diversas fórmulas (social e numérica) para o cálculo. Mais do que isso, a autora prepara o terreno para a seção seguinte sobre o futuro da energia e das relações paraguaio-brasileiras. Prestes a quitar o saldo devedor que consome atualmente 60% da renda de US\$ 4 bilhões gerada pela produção de energia elétrica, o fim da dívida chegará em período próximo da renegociação de uma parte do Tratado de Itaipu (Anexo C), prevista para 2023. Para Folch, essa será uma das mais importantes negociações de energia do século XXI.

O último capítulo é dedicado à integração energética na América do Sul. Como havia pontuado na introdução do livro, a autora evidencia no capítulo 6 (*Ecoterritorial turns*) que a usina de Itaipu oferece a oportunidade para ver como as decisões são tomadas e os efeitos dessas escolhas. Merece destaque a constatação de que nos debates políticos (analisados nos capítulos anteriores) nos quais engenheiros, políticos e setores da sociedade paraguaia estiveram engajados, as mudanças climáticas e o caráter finito da usina, por exemplo, não foram objetos de preocupação latente. Pontuando o futuro da usina e das relações Paraguaio-Brasil, a autora conclui o livro apontando para uma questão central principalmente para a sociedade paraguaia: o que fazer com os *hidrodólares* em um novo e próximo contexto no qual haverá considerável dinheiro em caixa.

Em síntese, *Hidropolitics* é uma referência obrigatória para aqueles que seriamente se envolverão com os debates em torno da renegociação de 2023, tanto do lado brasileiro quanto do lado paraguaio. Também é um livro do interesse de engenheiros interessados em cultura, de antropólogos interessados em energia, de cientistas políticos interessados em analisar o “poder político” no Paraguai, de historiadores interessados em buscar relações entre a memória da Tríplice Aliança e a Itaipu Binacional e de internacionalistas interessados em relações sul-americanas e/ou paraguaio-brasileiras.

De modo mais específico, gostaria de colocar alguns destaques para o estudo das relações Paraguaio-Brasil e para o estudo da Tríplice Fronteira. Para as relações bilaterais, Christine Folch ensina aos brasileiros alguns conhecimentos sobre os paraguaios. A começar pelo fato que, ao contrário da memória dos brasileiros (que, em geral, pouco sabem sobre a “Guerra do Paraguai”), a memória dos paraguaios é moldada pelo resultado da Guerra da Tríplice Aliança. As relações com o Brasil e as discussões em torno de Itaipu trazem à tona as cicatrizes do conflito que se encerrou há 150 anos e que dizimou parte da população paraguaia.

Folch mostra, ainda, que assim como a guerra, Itaipu se tornou um assunto de interesse nacional a ponto de que “*in many ways, Itaipú was a ‘total social fact’ in Paraguay*” (FOLCH, 2019, p. 27). Em outras palavras, para o Paraguai, Itaipu não é “somente” uma usina que produz energia, mas um fenômeno de múltiplos alcances, inclusive social, político, nacional, regional e internacional. Para ficar em um exemplo, a classe média que

atualmente existe no Paraguai remonta às “*new disruptive opportunities (engineering and other professions) offered by Itaipu*” (FOLCH, 2019, p. 16). Nesse sentido, Itaipu como um “*total social fact*” não possui paralelo do lado brasileiro da usina e é por vezes de difícil compreensão para os brasileiros.

Ainda para os estudos das relações Paraguai-Brasil, a análise de Folch apresenta uma contribuição única para a compreensão da história recente das relações bilaterais. Especialmente o capítulo 3 é praticamente um “histórico” relato da experiência da autora enquanto antropóloga em campo e, ao mesmo tempo, uma análise contemporânea à luz da renegociação do preço pago pelo Brasil ao Paraguai pelo excedente de Itaipu. Mais do que uma questão financeira, as representações populares, de políticos, de engenheiros e de setores do então governo de esquerda trazem à tona a devida complexidade do assunto que foi pauta das relações bilaterais nos anos seguintes (e que ainda ecoam à sombra do futuro próximo). Para ficar em um exemplo, a propósito das negociações sobre o preço pago pelo Brasil ao excedente de energia de Itaipu, Christine Folch detalha a trama política que levou à formação de uma Comissão no âmbito do Ministério das Relações Exteriores cujas discussões não se alinhavam à posição da Diretoria de Itaipu. A Comissão era liderada por políticos ligados às pautas populares também defendidas pelo Presidente Lugo e a Diretoria estava nas mãos do Partido Liberal, do Vice-Presidente Federico Franco.

No que se refere ao estudo da Tríplice Fronteira, *Hidropolitcs* apresenta um aporte de peso a uma das áreas mais dinâmicas e menos estudadas da

América Latina (BLANC e FREITAS, 2018), que tem se tornado objeto de acadêmicos desde o pós-11 de setembro de 2001, principalmente por questões internacionais associadas a contrabando e terrorismo (SILVA, no prelo). Nesse sentido, um comentário de Folch na introdução pode ser compreendido como um depoimento sobre o início de sua trajetória de pesquisa com a temática. Ao tratar do conceito e do contexto de sua pesquisa, a autora deu a entender que iniciou suas pesquisas de campo em 2007 para estudar temáticas envoltas à dinâmicas de fronteira, globalização e governo “*at the infamous Triple Frontier, where Argentina, Brazil and Paraguay meet*” (FOLCH, 2019, p. 19). À época, Folch não foi a única antropóloga interessada naquelas temáticas. Um pequeno grupo de antropólogos argentinos e brasileiros também se enveredaram pela temática (BÉLIVEAU e MONTENEGRO, 2010). O que a diferenciou foi a sensibilidade para perceber que, apesar do seu interesse de pesquisa, a maioria dos paraguaios com quem conversava mudavam o assunto para problemáticas associadas à água ou energia. Logo, Folch concluiu que seus entrevistados não estavam interessados nos rumores externos sobre Hezbollah ou Al-Qaeda na Tríplice Fronteira, e nem mesmo nas narrativas locais de resistência. Essa compreensão certamente mudou o objeto de sua pesquisa à medida em que a pesquisadora optou por se concentrar no interesse real dos paraguaios: as relações regionais e não as expectativas ou proposições externas de conotação global.

Referências

BÉLIVEAU, V. G.; MONTENEGRO, S. **La Triple Frontera:** Dinámicas culturales y procesos transnacionales. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2010.

BLANC, J.; FREITAS, F. **Big Water:** The Making of Borderlands Between Brazil, Argentina and Paraguay. Chicago: University of Arizona Press, 2018.

FOLCH, C. **Hydropolitics:** The Itaipu Dam, Sovereignty, and the Engineering of Modern

South America. Princeton: Princeton University Press, 2019.

SILVA, M. A. Entre antropólogos e internacionalistas: as perspectivas acadêmicas pós-11 de setembro. In: SILVA, M. A.; CASTRO, I. C. S. **Além dos limites: a Trílice Fronteira nas relações internacionais contemporâneas.** São Paulo: Alameda, no prelo. p. 61-95.

Recebido em 2020-10-13
Publicado em 2021-03-06



* **MICAEL ALVINO DA SILVA** é Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).